

Projeto: Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2021)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – SILVA, Amanda Carollo Ramos da; ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Do acolhimento institucional à família adotiva: a vivência da criança nesta transição. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 26, n. 1, 2021.

2) Resumo e Palavras-Chave – O presente artigo objetiva abordar, a partir da perspectiva psicanalítica, as vicissitudes de crianças, em transição do acolhimento institucional a uma família adotiva, dando especial atenção ao processo de vinculação à nova família. São apresentadas questões sobre a legislação e os trâmites processuais da adoção, e, em seguida, apresentados recortes da teoria psicanalítica sobre a vivência do abandono, da separação da família de origem, do luto e da formação de novos vínculos, situações comuns às crianças em adoção tardia. O método utilizado é o estudo de caso, no qual se busca elucidar a vivência de uma criança, em vias de adoção. A análise dos resultados aponta que a adotanda ainda não havia vivenciado o luto quanto à impossibilidade de seu retorno à sua família de origem, sendo interrompido o processo de aproximação com os pretendes à adoção. Aponta-se a necessidade da escuta e da preparação da criança para vivenciar o processo adotivo, avaliando sua condição e disponibilidade psíquica para ser inserida em uma nova família. Conclui-se que o fato de a criança estar juridicamente apta à adoção, não corresponde a estar emocionalmente pronta para essa mudança em sua vida. Evidencia-se, assim, a importância da atuação do psicólogo judiciário neste contexto.

Palavras-Chave: adoção tardia; vínculo; acolhimento institucional; família adotiva.

3) Objetivo do estudo – Abordar, a partir da perspectiva psicanalítica, as vivências de crianças, em transição do acolhimento institucional a uma família adotiva, dando especial atenção ao processo de vinculação à nova família.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Não identificado.

6) Forma de coleta de dados – Relato de um processo de aproximação entre uma criança e o casal pretendente à adoção e uma análise da vivência desta criança nesta possibilidade de transição entre o acolhimento institucional e a nova família. O contato com esta criança se deu pelo período aproximado de dois anos, desde o início de seu acolhimento, sendo diversos instrumentos utilizados nos atendimentos: entrevistas, observações lúdicas (tanto no ambiente da instituição de acolhimento, quanto nas dependências da instituição judiciária), aplicação da técnica

projetiva do Desenho-Estória e do teste psicológico H-T-P. Foram também realizadas entrevistas com os familiares e discussões técnicas, envolvendo os serviços socioassistenciais. Foi a partir destas intervenções que se obtiveram os dados, que serão descritos. Os devidos cuidados éticos foram tomados neste relato, a fim de se preservar o sigilo e, de modo fictício, chamaremos a adotanda de Melissa.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – Análise descritiva do estudo de caso a partir da perspectiva psicanalítica.

8) Resultados / dados produzidos – Um primeiro ponto a ser pensado refere-se à relação de Melissa com sua família de origem. Negligenciou-se, de certa forma, a elaboração psíquica de Melissa para vivenciar a adoção. Apesar de estar vedado o contato com sua família de origem, percebia-se que para a criança ainda estava forte e presente a representação de seus familiares. Ao mesmo tempo, os comportamentos de Melissa apontavam positivamente à vinculação com o casal pretendente à adoção. Melissa se tornou, neste período, “outra” criança. Pode-se analisar que a adotanda estava sim se vinculando ao casal, contudo, na concretude, na presença real da genitora, o processo se interrompeu. Ao ver a mãe, entre nutrir expectativas de estar junto à sua família de origem ou continuar com o novo casal, Melissa fez a primeira opção. Conforme aponta Bowlby (1980/1993b), mesmo que inconscientemente, a criança reagirá na tentativa de proteger o vínculo com a figura de apego, empenhando um esforço para recuperá-lo. Também, retomando Tinoco e Franco (2011), no que se refere ao processo de vinculação, possivelmente Melissa não tenha conseguido conciliar psicologicamente a relação com o casal adotivo e com a mãe biológica, sentindo que escolher a adoção ameaçaria o vínculo com sua família de origem. Pode-se pensar, diante destas questões, que a criança ainda estava em processo de elaborar o luto quanto à impossibilidade de retorno à genitora, não estando seu ego “livre e desinibido” para novas ligações afetivas. O processo de transição, como era de se esperar partindo-se da ética psicanalítica, estava sendo permeado por ambivalências e, retomando Peiter (2016), com o receio significativo de estar abandonando sua família de origem e também seus vínculos do acolhimento.

9) Recomendações – Não identificado.

10) Observações e destaques – Neste trabalho se fala a partir da psicanálise aplicada, isto é, o método psicanalítico sendo utilizado fora da clínica tradicional. Aqui, especificamente, no âmbito da atuação do psicólogo no Poder Judiciário. Independente do contexto, tendo como referência o olhar psicanalítico, o que se busca é o conhecimento psíquico. Herrmann (2004) coloca que na clínica extensa, ou seja, nas formas ampliadas de se fazer psicanálise “também há pesquisa da psique, da psique individual e da psique social.” (Herrmann, 2004, p. 27).

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.